

## Comunicação mediações interações\*

Lucrécia D'Alessio Ferrara\*\*

# A flânerie comunicacional de uma passante

Alex Galeno\*\*\*

### Discursividades

Em *O que é um autor?*, Michel Foucault destaca que um autor capaz de instaurar discursividades é aquele a quem retornamos a partir de seus textos para criarmos outros novos. A singularidade de instaurar discursividades, portanto, só é possível para alguns. Sendo assim, Marx não é apenas o autor do *Manifesto* e do *Capital* ou, ainda, Freud não é somente o autor da *A interpretação dos sonhos* ou do *Mal-estar na civilização*. Eles nos legaram e estabeleceram “uma possibilidade infinita de discursos”, ressalta Foucault. Obras que se perpetuam como contemporâneas (Agamben), capazes de iluminar zonas obscuras do presente e, ao mesmo tempo, de se manter como sombras nas zonas marginais e obscuras da cultura e que nunca paramos de revisitá-las. Menos para reproduzi-las ou mimetizá-las como dogmas, mas, ao contrário, para torná-las vivas e impertinentes às gerações.

É nessa direção que *Comunicação mediações interações* de Lucrécia D'Alessio Ferrara caminha. Trata-se de uma obra que funda outras obras! Deparamos com uma infinidade de discursos sobre uma epistemologia da comunicação e suas implicações na cidade, destacadamente, a partir das categorias comunicativas da mediação e interação.

---

\* São Paulo: Paulus, 2015. ISBN: 9788534941556.

\*\* Lucrécia D'Alessio Ferrara é professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PUCSP). Doutora em Literatura Brasileira pela Faculdade Sedes Sapientiae (PUCSP), Livre-Docente em Desenho Industrial pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (USP), coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PUCSP) no período de 1970 a 1984, coordenadora do Grupo de Pesquisa Espaço/Visibilidade-Comunicação/Cultura (ESPACC), credenciado junto ao CNPq.

\*\*\* Mestre em Ciências Sociais pela UFRN (1996) e doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP (2002). É professor associado da UFRN, lotado no Departamento de Ciências Sociais, com participação em ensino de graduação e pós-graduação, pesquisa e extensão. Tem experiência nas áreas de Sociologia e Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: política e cibercultura, cultura e pensamento complexo; literatura e sociedade.

Logo na apresentação, a autora nos fornece pistas indiciais de sua investigação a partir de três registros: (a) mediação é padrão comunicacional de um emissor *para um receptor unidimensional*; (b) interação é possibilidade e incerteza no comunicar entre emissores e receptores; (c) entre mediação e interação se processa uma comunicação fronteiriça, que institui diferenças cotidianas.

Nos limites conceituais que se procura estabelecer entre mediação e interação, desenhavam-se, para a cultura, variações, modificações, transformações daquilo que se conhece e é assumido como padrão de emissão e recepção mediativas. Ou seja, urge superar como um padrão conceitual que insiste em estabelecer a comunicação mais uma disciplina que se hierarquiza e classifica, do que como campo científico. (FERRARA, 2015, p. 19).

Como no plasma prigoginiano, a comunicação difusa de Lucrécia nos conduz para uma epistemologia permeada por incerteza e bifurcações. Os emissores e receptores não podem estabelecer nenhum pacto de certeza, pois tal comunicação se opera como fluxos intensivos e é imprecisa. Como em *A uma passante*, de Charles Baudelaire, a comunicação só parece possível como eternidade de instantes improváveis.

Que luz... e a noite após! – Efêmera beldade  
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,  
Não mais hei de te ver senão na eternidade?

Longe daqui! Tarde demais! “nunca” talvez!  
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,  
Tu que eu queria amado, ó tu que bem o viste!

## **Flânerie**

Do confronto entre interação e mediação, vemos surgir marcas de uma epistemologia da comunicação. Lucrécia nos convida a um passeio analítico na companhia de outros autores, também fundadores de discursividades: Ciro Marcondes Filho, José Luis Braga, Muniz Sodré, Milton Santos, Walter Benjamin, Guy Debord, Bruno Latour, Michel Foucault, Giorgio Agamben, Ilya Prigogine, Gregory Bateson, Von Uexküll, Carlo Ginzburg, Richard Sennett etc. A *flânerie* de um mestre em companhia daqueles nossos “últimos mestres”, para lembrarmos palavras de Gilles Deleuze ao se referir a Jean-Paul Sartre. Em seus dez ensaios, deparamos com hermenêuticas diversas: 1. A comunicação entre mediações e interações; 2. A epistemologia de uma comunicação indecisa; 3. Convergências assimétricas; 4. A comunicação entre hábito e consciência; 5. Os estreitos caminhos do conhecimento; 6. A comunicação: do empírico ao epistemológico; 7. A produção do conhecimento e as estratégias da inferência científica; 8. Mobilidades e redes; 9. À deriva na cidade; 10. Cidades uma pela outra.

Dos diálogos com seus parceiros e interlocutores, Lucrécia destaca a importância da Nova Teoria da Comunicação (Ciro Marcondes Filho) e as suas modulações metapóricas na forma de pesquisar. Para Ciro, cabe ao pesquisador pensar e produzir uma comunicação nos fluxos de sua própria realização, “O pesquisador deverá instalar-se naquilo que muda, a fim de obter uma apreensão pela intuição sensível, isto é, de uma só vez e sem conceitos” (MARCONDES FILHO, 2013, p. 57). Ou conforme destaca a autora:

Como parece afirmar Ciro Marcondes, considera-se que ultrapassar os limites das mediações agenciadas pelos meios técnicos para acessar as interações que podem estar subjacentes às lógicas comunicativas das novas mídias digitais, que vão da Internet aos *chats* ou aos *sites* de relacionamento, exige outra episteme e, sobretudo, outro exercício empírico, inspirado por uma metodologia antimetódica, como quer a proposta nomeada de metáporo. [...] exige-se um pesquisador ativo no processo empírico, embora sem preconceitos que possam embaçar sua acuidade e atenção interativas. (FERRARA, 2015, p. 23).

Embora a autora reconheça na Nova Teoria importância epistemológica inequívoca, mesmo assim, ela adverte que a mesma “[...] exige exame cuidadoso a fim de que se justifique o predicativo de ‘nova teoria’ e, sobretudo, para que se evidenciem as bases do interesse que pode despertar” (FERRARA, 2015, p. 12). Ora, apenas devemos captar o próprio *acontecimentalizar* da comunicação no fluxo de sua própria efetivação, ou como na passagem propiciadora de incerteza e inquietação *Só te verei um dia e já na eternidade?*, do poema de Baudelaire. Para ampliar o diálogo sobre sua proposição de um comunicar difuso e que se produz no entre, a autora convida José Luiz Braga e Carlo Ginzburg. Ela adverte que é comum confundir o comunicar a partir de dispositivos tecnológicos e suas variadas funções de instrumentalidade e de simples transmissão. Isto é, não se podem reduzir a compreensão e explicação do fenômeno comunicacional a um acontecimento mecânico de aparatos técnicos e métodos explicativos preestabelecidos. E é na tentativa de superar tal ambivalência, que os interlocutores mencionados são mobilizados na obra em análise.

Para superar essa ambivalência, Carlo Ginzburg (1989) e, no mesmo caminho, José Luis Braga (2008) apresentam a possibilidade de traçar outra trajetiva mais sagaz: nos dois casos procuram-se os índices, as marcas capazes de apontar outro paradigma epistemológico que, empírico, corresponde à realidade do comunicar pelo modo como se indicia e se realiza como comunicação. Esses índices são apenas possíveis porque não se apoiam em métodos ou certezas científicas que lhes conferem autonomia e identidade de imediato reconhecimento. (FERRARA, 2015, p. 41).

Tais rastros e índices constituem novas interrogações científicas sobre a compreensão do que é o empírico. Em *Comunicação mediações interações*, deparamos com O Empírico

como exercício de Sagacidade, O Empírico como exercício Cognitivo e O Empírico como Experiência. Pela Sagacidade, somos impelidos a fazer novas perguntas e, até mesmo, a ultrapassarmos o método do rastreamento de índices de Braga e Ginzburg, na medida em que não devemos reduzir nosso olhar somente para os movimentos do objeto, mas para as perguntas formuladas sobre o mesmo. É nas frestas da certeza que depararemos com a dúvida e a sagacidade para aprendermos a como perguntar sobre os mesmos objetos e apreender a partir dos mesmos outras facetas e o inusitado. Neste particular, exigir-se-á um tipo de pesquisador que não se deixa mais iludir pela separação cartesiana entre sujeito e objeto. Ao contrário, novas faces do sujeito vão surgindo a partir da originalidade de suas perguntas e da sua capacidade relacional de se deixar atravessar e se confundir com o próprio objeto.

Pelo o exercício cognitivo, poderá se revelar o pesquisador arguto para perguntas capazes de ultrapassar a evidência objetiva dos rastros, índices e conhecimento. Por último, destacamos a dimensão empírica como experiência, isto é, longe do empirismo herdado do século XVII e que nos legou uma espécie de realismo científico preso aos objetivismos dos fenômenos. Noutra direção, Lucrécia advoga um empírico de dimensões múltiplas nas quais “nada se repete e nada pode ser assumido como verdade definitiva” (FERRARA, 2015, p. 113).

### A cidade como meio comunicativo

A cidade como fenômeno comunicacional e centro de destaque empírico e epistemológico constitui a passagem central da referida obra. Percebe-se, logo de início, a distinção estabelecida entre as ideias de espaço urbano e cidade. Somos advertidos para que não os confundamos. Enquanto o primeiro relaciona-se e se define como território, o segundo “se define como relação comunicativa, troca, mediação e interação” (FERRARA, 2015, p. 138). Aqui reside a riqueza reflexiva para aqueles que se debruçam sobre as questões da cidade e a comunicação. Ambas se fazem e operam pelas frestas e se materializam a partir de seus desocultamentos e decifrações de signos. Como um texto dado a infinitas interpretações, a cidade é o ambiente da errância e lugar de discursividades. Tal como um palimpsesto, os sujeitos revolvem camadas e encobrem outras a partir de suas ações de andarilhos. Se a cidade é um texto infinito ao qual não paramos de retornar para reinterpretá-lo, ela é também a história de suas formas, conforme apregoa Milton Santos. A cidade é uma leitura não para ser apreendida por obcecadas descrições, mas a partir de um intenso exercício de serendipidade e escavações que nos levam a descobertas.

Escavar para ler ou ler escavando transforma a leitura em uma operação epistemológica e metodológica que transforma a cidade em objeto empírico para a produção do conhecimento.

[...] Não se escava para descobrir um significado hermenêutico, mas para transformar a cidade em instrumento de descoberta do próprio indivíduo: confundem-se o leitor e sua leitura, a cidade e o *flâneur*. (FERRARA, 2015, p. 184).

Nas escavações e leituras sobre a cidade, deparamos com três leitores privilegiados: Walter Benjamin, Vilém Flusser e Richard Sennett. O primeiro é o próprio *flâneur* a errar pela cidade – sobretudo Paris – e a revelar seus rastros. O segundo é o desenraizado sem fundamento, já que por sua ascendência judaica foi forçado a migrar por diversas cidades. O último apresenta a leitura de uma cidade aberta, descentralizada, incompleta e sem fim.

Tais leituras se complexificam ainda mais, sobretudo quando vivenciamos aquilo que Olivier Mongin definiu como terceira travessia vivenciada pelas cidades no século XXI. Isto é, a era das cidades dos fluxos ou das pós-cidades. Cidades interativas e mediadas pelos dispositivos técnicos informacionais, que borram fronteiras e lançam os sujeitos numa intensa mobilidade de redes digitais. Isso significa que “falar em redes digitais supõe verificar como o digital se articula como meio comunicativo onde estão em mediação o funcional e o relacional, o físico e móvel, os fixos e os fluxos” (FERRARA, 2015, p. 140). E é na dialógica e nas distinções entre interação e mediação que se constituem os processos cognitivos fundamentais para a elaboração epistemológica da comunicação, conforme ressaltada pela obra (2015, p. 153).

Se para os estudos dos processos urbanísticos, a diferença entre urbano e cidade corresponde a um divisor de observações que deve ser considerado com atenção, para os estudos da cidade como meio comunicativo, a distinção entre mediação e interação é fundamental. Nos dois casos, essas distinções subjazem às possibilidades da cidade ser ou estar, possuir identidades que a distinguem e lhe permitem ser no panorama das cidades globais ou simplesmente estar e, como tal, ser identificada de modo frágil e sutil. Ser ou estar cidade corresponde a distintos planos urbanísticos, comunicativos e semióticos. (FERRARA, 2015, p. 153).

Como o *flâneur* de Benjamin, tentamos fazer nossas escavações e trazer a lume para o(a) leitor(a), aquelas passagens apreendidas por um sujeito interessado nas reflexões sobre a cidade e em suas metamorfoses heterotópicas, que são reveladoras de espaços *inteiramente outros* ou de *contraespaços*, lembra Foucault.

## Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 2009.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 edições, 2015.

MARCONDES FILHO, Ciro Juvenal. *O rosto e a máquina*. O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico. São Paulo: Paulus, 2013. (Nova Teoria da Comunicação, v. 1).

MONGIN, Olivier. *La ville des flux*. L'envers et l'endroit de la mondialisation urbaine. Paris: Fayard, 2013.